

O OLHAR LITERÁRIO DE VIOLANTE ATABALIPA PARA O FOLHETIM FRANCÊS DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE D'O DOMINGO: JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO (1873)

Maria Fernanda Melon BONFIM¹

RESUMO: O presente trabalho visa estudar a presença francesa no jornal *O Domingo - Jornal Litterario e Recreativo*, com a análise de texto publicado em seu primeiro ano, 1873, na coluna de "Literatura". Trata-se da novela francesa, de autoria de Stéphen de la Madeleine, "*Francesca*", traduzida e transformada em folhetim pela redatora, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Francesa; Feminina; Transferências Culturais.

1. Introdução

Uma mulher escritora no século XIX, buscando por uma educação feminina e emancipação por meio do jornal: essa era Violante Atabalipa, nome conhecido na cultura das Letras do Rio de Janeiro oitocentista, redatora e proprietária d'*O Domingo - Jornal Litterário e Recreativo*.

Neste artigo, apresentamos as ideias de Violante, por meio de suas publicações no ano de 1873, no referido periódico. Neste texto, consideramos a conjuntura da mulher escritora na sociedade do século XIX, seu lugar no jornal e suas lutas na sociedade, além das transferências culturais entre Brasil e França, analisando o folhetim que Violante escolheu para a coluna de Literatura em sua folha, em seus primeiros números: "*Francesca*", de Stéphen de la Madeleine, 1840. Por fim, ponderamos de que maneira tais assuntos dialogam em um jornal de intuito literário e recreativo.

2. Violante, seu jornal e as escritoras jornalistas

O século XIX foi marcado por grandes mudanças em relação às mulheres. A época ficou conhecida por apresentar os vestígios da

¹ Graduanda do curso de Letras - Francês e literaturas de língua francesa dos cursos de Letras da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Letras e linguística (ILEEL), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Sob orientação da Prof^a Dr^a Camila Soares López com bolsa do Programa de Educação Tutorial PET/ILEEL UFU; mariafernandamelonbonfim@gmail.com.

Revolução Industrial do século XVIII, ajudando a consolidar as novas teorias e avanços científicos da humanidade. Diante disso, podemos observar que a percepção da mulher perante os assuntos que lhe cabiam durante tantos anos começou a ser questionada, como o casamento, seu corpo e sua relação com o mundo, em seu sentido mais amplo. O acesso ao conhecimento, sendo facilitado, forneceu à sociedade outras maneiras de se pensar.

Segundo Pierre Bourdieu, em seu livro, *Dominação Masculina*, a ideia de que “as mulheres são símbolos cujo sentido se constitui fora delas” (BOURDIEU, 1998, p. 55), as reduziu a um produto, um objeto passível de troca que exige um trabalho social para ser feito e aceito. Tal trabalho social, que confina a mulher, foi contestado ainda nos anos de 1800 pela autora do jornal *O Domingo*, que estudamos no presente artigo, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco, que escreve:

Se a mulher não fora dotada das mesmas faculdades que o homem possui; se ela não fora um igual em tudo, por certo que a escravidão seria o estado normal das sociedades modernas, como foi das antigas. Nesses tempos bárbaros que já lá vão, a mulher era considerada como coisa, como um meio de estender os gozos sensuais dos homens. A mulher, portanto, era considerada em relação a matéria, e nada mais (VELASCO, 30 nov. 1873, p. 1; 1 col).²

Diante deste posicionamento feito pela redatora, já muito conhecida no mundo das Letras na época de sua atuação jornalística, e sobre a qual abordaremos com maiores detalhes adiante, é importante questionarmos como ela e tantas outras mulheres conseguiram esse espaço para lutar pela sua emancipação e quebrar a ideologia de ser objeto e propriedade do homem, construída outrora.

As respostas de tais questionamentos podem ser encontradas no fato dessas construções sociais serem feitas por meio da escrita. As primeiras palavras das mulheres em um papel foram sobre a religião e o imaginário (PERROT, 2007, p. 31), o que abriu caminhos

² Todos os textos que seguem a ortografia vigente no XIX foram atualizados conforme o novo acordo ortográfico.

para as outras que vieram depois. Assim, leitoras e produtoras encontram “um começo, uma brecha nas zonas proibidas” (PERROT, 2007, p. 33) na imprensa feminina. Os periódicos, em sua totalidade, destinados a assuntos políticos e de interesse dos homens encontraram, na mulher, uma oportunidade de venda; já as damas, uma via de emancipação. A tentativa de captar adeptas feita pelos jornais publicados no século XIX teve grande eficácia, pois eram mulheres falando com mulheres e sobre assuntos de mulheres. Diante disso, a imprensa feminina cresceu durante o século XIX e o século seguinte.

Segundo Perrot, pouco a pouco, de forma silenciosa e seriada, as mulheres se apropriaram da pena para escrever e vender assuntos de cunho feminino, como moda, cozinha e bons costumes, além da literatura de folhetim, a qual abordaremos sua história e analisaremos adiante. Ademais, as mulheres utilizaram dessa liberdade para iniciar uma luta pela educação, pelo saber e pelo trabalho. Aconselhando umas às outras, a rede de mulheres que se apoiavam em suas escritas ficava cada vez mais extensa e “Atualmente, as mulheres estão presentes em todas as partes do mundo” (PERROT, 2007, p. 35).

A redatora e proprietária do jornal *O Domingo - Jornal Literário e Recreativo* é a mulher cujos princípios flertavam, no Rio de Janeiro do século XIX, com os que eram apresentados pela imprensa feminina vinda da Europa. Sua escrita demonstrava grande apreço pela educação feminina e valorizava as ideias de emancipação da mulher, externalizando as ideias do Velho Mundo ao Novo Mundo, gerando uma importante transferência cultural.

Violante, filha do fundador do primeiro jornal literário do Brasil³ e conhecedora das línguas francesa, italiana e inglesa, além de dotada dos conhecimentos musicais e de tradução (BARBOSA, 2018, p. 39), foi uma importante mulher, a qual contribuiu, juntamente às suas iguais, na luta contra as ideias patriarcais

³ Diogo Soares da Silva de Bivar (1785-1865), redator do periódico *Idade d'ouro do Brasil*. Salvador, impresso na Typographia de Manuel Antonio da Silva Serva (1811-1823) e fundador do *As Variedades ou Ensaios e literatura*, em 1812.

impostas em sua época, por meio do jornalismo – principalmente, o literário – publicado no Rio de Janeiro oitocentista.

Por conta dos seus conhecimentos em várias línguas, como já se mencionou, e seu contato com a literatura desde cedo, Violante colaborou como tradutora e escritora em muitos jornais, tornando-se redatora-chefe do importante *Jornal das Senhoras* (1852-1855), no período de julho de 1852 a maio de 1853.

Sua contribuição enquanto redatora desse jornal foi muito além, e podemos afirmar que ajudou e ensinou Violante em muitos aspectos de seu trabalho jornalístico, pois o *Jornal das Senhoras*, desde sua concepção, foi um periódico, em sua totalidade, escrito por e para mulheres, o que “proporcionou um espaço de diálogo entre as mulheres que viviam insatisfeitas com sua condição social” (BARBOSA, 2018, p. 40). O periódico visava aquilo que veremos claramente, anos mais tarde, nas muitas edições de *O Domingo*: a emancipação da mulher por meio do trabalho, o que pode ter influenciado e baseado a luta de Violante no momento em que ela fundou o próprio jornal.

É importante salientarmos o fato de o periódico atingir apenas uma parte da sociedade brasileira – a elite feminina, que sabia ler e tinha acesso aos meios jornalísticos. O impacto causado pelas palavras escritas por essas mulheres ameaçava a ordem pré-estabelecida (BARBOSA, 2018, p. 92) de uma sociedade que enxergava a mulher como uma extensão do marido, o que já observamos no estudo de Pierre Bourdieu anteriormente citado.

O jornal deu às mulheres a oportunidade de expressar seus pensamentos e sentimentos, muitas vezes, deixados de lado, fazendo-o mediante um incansável ensino, que instruía por um meio, seja este literário, musical ou de línguas. Violante e as outras iguais entenderam que esse era o caminho que as palavras impressas poderiam percorrer até chegar aos lares e à Corte da então recente capital brasileira: o Rio de Janeiro.

Por isso, e por vários outros fatores, os 11 meses de Violante à frente de uma redação trouxeram a ela a consciência necessária para fundar, 20 anos depois, *O Domingo*, sobre o qual nos debruçamos nas

linhas subsequentes, considerando o seu folhetim e a presença francesa em suas páginas.

Em seu primeiro ano, o jornal *O Domingo - Jornal Litterario e Recreativo* foi escrito e editado por Violante Atabalipa, e nos apresenta vários exemplos das mudanças ocorridas no jornalismo brasileiro da época. Com uma imprensa estabelecida em 1821 e já engajada na revolução midiática⁴ no momento de seu nascimento, o periódico em questão mostrava um conteúdo experiente, que continha referências literárias, com o intuito de entreter o seu público, utilizando-se de charadas, piadas, mas também trazendo opiniões sérias e uma literatura reconhecida nos países europeus. Com 6 edições publicadas todos os domingos da semana, começando no dia 23 de novembro e finalizando suas publicações em 28 de dezembro de 1873, a proprietária nos apresenta um jornal rico em conteúdo e com grandes pretensões.

Os assuntos mais abordados nessas seis primeiras edições e no decorrer das publicações dos outros anos envolvem, em suma, a religião, o papel da mulher na sociedade, uma literatura que ocupa grande espaço no jornal e inúmeros textos recreativos, além de poemas e charadas em todas as edições. Na primeira edição da folha, Violante nos apresenta suas intenções com o novo periódico, que tem o intuito de “introduzir mais um Domingo na semana” (VELASCO, 23 nov. 1873, p. 1; 2 col), para a felicidade de uma elite carioca que utilizava o dia do Senhor, como estabelecido pela moral cristã, para o descanso.

A disposição dos textos publicados no jornal, em seu primeiro ano, era pautada em uma primeira página com uma coluna escrita, em quase todas as edições, sobre e para as damas. As edições de número dois, três e quatro contêm esta primeira coluna com o título de “A Mulher”. A edição cinco trouxe “Religião” e a sexta e última do ano, “Agradecimentos”. Ademais, temos a “Biographia de mulheres célebres”, uma coluna inaugurada com o intuito de contar os feitos de mulheres importantes, mas não acolhidas em seus

⁴ “Isto é, o Brasil não tardou a integrar as inovações da imprensa internacional, principalmente aquelas de matriz francesa, e, por conseguinte, a participar do fenômeno de internacionalização da imprensa midiática moderna” (GIMENEZ, 2014, p. 30).

espaços, todas vistas pelo ponto da proprietária, que, cada vez mais, construía um jornal com lacunas femininas.

Na coluna intitulada “A Mulher”, as reflexões continham, dentre outras, a ideia de saída da mulher do seu posto de objeto, como já embasamos anteriormente, para ocupar o lugar que Deus lhe deu na terra, sendo este de mãe e esposa, o qual ela não cumpriria servindo o marido, mas fazendo-o feliz, segundo a moral cristã.

A mulher saiu do lodaçal imundo, onde vivia desterrada; e livre do cativeiro que a degradava, assumiu todos os direitos que o Eterno lhe gravou na alma.

A mulher dos tempos modernos recebeu do cristianismo toda a força que a torna grande, e onde a mulher ocupa o seu lugar, dali foge a escravidão (VELASCO, 30 nov. 1873, p. 1; 1 col.).

Violante introduziu as ideias de emancipação feminina de forma gradual, de maneira que ela não perdesse seus leitores por princípios que pudessem os assustar, mas também sem nunca deixar de se expressar perante esse assunto importante e recorrente em sua vida como escritora.

Em geral, o público está penetrado na ideia, até certo ponto verdadeira, que as mulheres devem consagrar-se todas a aquisição e a prática das virtudes domésticas.

Embora, a mulher deve sempre cultivar o seu espírito, e quando a opinião pública lhe for desfavorável, não desprezá-la que é impossível, mas amainá-la por meio do desenvolvimento progressivo das faculdades intelectuais, porque os prazeres do estudo são, talvez, os únicos que lhe enchem completamente a alma (VELASCO, 7 dez. de 1873, p. 1; 1 col.).

A redatora nos apresenta ideias maduras e concretas sobre o papel da mulher, retratando a ideia de uma dama que não se contenta apenas em servir ao homem, conversando com a história do folhetim que analisaremos mais adiante. Violante também fala de D. Narcisa Amália, a primeira jornalista a trabalhar

profissionalmente no Brasil, publicando poemas, traduzindo obras importantes como de George Sand, escritora francesa, e lutando pelo direito das mulheres, além de abolicionista e tradutora do francês (FAEDRICH, 2017, p. 237). O contato de Violante com Amália mostra-nos que, apoiadas pelas mesmas ideias, ambas valorizavam a sutileza e inteligência necessária para influenciar e fazer pensar aquelas que as liam.

Bem quisera continuar a escrever porque só quando escrevo à mulher é que reputo verdadeira, a frase que por aqui anda nessas publicações da moda – os jornais – que a missão do escritor é sublime. Sublime e bem sublime é ela, mas é que, infelizmente, esses mesmos que a apregoam e a miúdo esta verdade eterna, são os que a olvidam mais vezes (VELASCO, 14 dez. 1873, p. 1; 1 col).

Após essas palavras de Violante, exemplificando sua crença em escrever para e com mulheres, ela apresenta o livro de poemas de Amália, *Nebulosas* (1872), defendendo a convicção de que uma mulher pode amar outras coisas além daquilo que, supostamente, Deus a designou para ser – esposa e mãe – complementando seu ofício.

A mulher é o complemento do homem como órgão de geração, complemento da sua vida doméstica, complemento como criadora da prole, complemento enfim como confidente do seu coração.

Mas deverá ser esta unicamente a profissão da mulher? Não (VELASCO, 14 dez. 1873, p. 1; 2 col).

Dialogando com o folhetim publicado nas primeiras edições, a redatora nos mostra que a mulher pode encontrar sua igualdade intelectual e cultural com o homem, se a esta forem dadas as mesmas oportunidades, como aconteceu com Amália: “Educa-se a mulher, que haverá uma completa revolução entre elas” (VELASCO, 14 dez. 1873, p. 1; 2 col).

Em “Biografia de mulheres célebres”, o trabalho de Violante era contar a história de mulheres que não foram reconhecidas em seu tempo ou trabalhavam por meio de pseudônimos, sendo estas, MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 19, n. 1, p. 410-428

quase sempre, da Corte, santas ou literárias. A introdução desta coluna continua o exercício da proprietária de mostrar as capacidades da mulher em trabalhar, escrever, e outros ofícios que não os de apenas cuidar da família. É importante salientarmos que a redatora não abominava as mulheres que se dedicavam a sua vida conjugal e aos filhos; ao contrário, ela encorajava e mostrava os benefícios de uma vida familiar, mas, ao mesmo tempo, levava suas leitoras a pensar que elas poderiam ser mais, se quisessem, contando com o apoio da própria Violante e de todas as outras escritoras.

A coluna inaugurada, “Biografia de mulheres célebres”, pode ser tratada como uma busca por representatividade feminina no âmbito de trabalho, desconstruindo novamente a ideia de objeto e fazendo a mulher acreditar que ela poderia, com a ajuda da religião e de sua família, ter um ofício na sociedade do século XIX. Essa crença pode ser entendida e exemplificada pelo que conhecemos como Segunda Onda Feminista, um movimento que se concretiza justamente pelo “espantoso número de jornais e revistas de feição nitidamente feminista editados no Rio de Janeiro” (DUARTE, 2003, p. 156).

Constância Lima Duarte nos traz as quatro ondas feministas no Brasil, articulando-as com os movimentos que nasceram e suas características. Na segunda onda, a autora se refere justamente ao movimento de “convencer as leitoras dos direitos à propriedade e ao trabalho profissional” (DUARTE, 2003, p. 157), citando *O Domingo* como colaborador dessa luta pelo direito ao trabalho da mulher.

Sendo assim, Violante foi perpetuadora de ideias revolucionárias escritas em colunas como as que já citamos; esse movimento ajudou a conceber o que Duarte chama de “caixa de ressonância do feminismo brasileiro [...] criando uma rede de apoio mútuo e um intercâmbio intelectual, sendo um instrumento indispensável para a conscientização feminina da época” (DUARTE, 2003, p. 158).

Em “Opinião da imprensa”, uma série de jornais, sendo estes *República, Reforma, Brazil e Portugal, Vida Fluminense, Apostolo e Pharol do Juiz de Fora*, deu suas opiniões sobre o novo periódico de Violante, contando com muitos elogios e votos de sucesso. Podemos ver que,

por ser uma mulher inteirada na cultura das Letras, ela possuía o apoio de muitos redatores, conquistando-o por meio de sua escrita.

Lê-se no República de 11 de Dezembro de 1873:

Recebemos o 3º número de Domingo, jornal literário e recreativo que se publica nesta cidade. Sua redatora e proprietária é a Exma. Sra. D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco, já bem conhecida por seus trabalhos e por sua dedicação a cultura das letras.

E tanto mais digna de acolhimento e proteção essa empresa quanto importante é a circunstância de firmar-se sobre o trabalho e esforços de uma senhora (*O DOMINGO*, 14 dez. 1873, p. 1; 2 col).

Lê-se na Reforma de 23 de Novembro de 1873 :

O Domingo. Com este título apareceu na arena da imprensa mais um campeão que promete ser litterario e recreativo, e é redigido pela Exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

Agradecemos o número com que fomos obsequiosos, e desejamo-lhes duradoura existência" (*O DOMINGO*, 14 dez. 1873, p. 2; 1 col).

Visto isso, podemos perceber que o laço de sociabilidade que a redatora construiu em seus anos no mundo letrado era de suma importância para o sucesso do seu jornal solo, onde seus valores eram representados e respeitados por outros periódicos cariocas reconhecidos da época. Assim, a sua rede de apoio e reconhecimento ajudaram *O Domingo* a perpetuar ideias trazidas de além-mar.

3. O folhetim e as transferências culturais

Considerando a afirmação do periódico de Violante Atabalipa Xavier em seu tempo, analisaremos, nas próximas linhas, o papel do folhetim publicado, em 1873, n' *O Domingo*. Entretanto, anterior a isto, é importante entendermos de que maneira o folhetim ocupou seu espaço do jornal e por qual motivo ele se tornou uma literatura atraente às mulheres do século XIX.

Segundo estudos históricos, literatura e imprensa se fundiram no momento em que os literatos começaram a trabalhar na redação do jornal, percebendo um espaço na diagramação do impresso para

introduzir um entretenimento literário, gerando, assim, um novo gênero: o jornalismo literário: “Os escritores vão modificar o modo de fazer imprensa no Brasil e no mundo e a principal manifestação desta associação – literatura e jornalismo – no primeiro momento será através do folhetim” (GONÇALVES, 2013, p. 5).

Os escritores encontraram um lugar para a divulgação de sua literatura que não fosse os livros, que, nessa época, eram muito caros para serem adquiridos e de difícil alcance público, além de passarem por entraves relacionados à edição. Concomitantemente, os jornais acharam uma maneira de vender e contemplar um número maior de leitores. Foi o casamento perfeito, segundo Martins Pena (2008), do escritor e do suporte – o primeiro tendo a oportunidade de ganhar semanalmente por suas palavras, e o segundo, de alcançar territórios além da Corte.

O estudo do período histórico brasileiro feito por Priscila Renata Gimenez (2014) nos mostra que, diferentemente das outras nações latino-americanas, o Brasil, após sua independência, não vivia sob um regime republicano, mas monarquista. Isto ocorreu devido à posição autoritária que o governo assumiu nos últimos anos de poder de D. Pedro I e no Período Regencial, impedindo revoluções regionais da população.

Todavia, no segundo Reinado, o país do Novo Mundo buscava novos exemplos a serem seguidos, e a figura do Imperador como consolidador de uma nação, além das políticas de progressos culturais, científicos e militares, ajudou os cidadãos brasileiros da época a cultivarem um sentimento unificador e nacionalista, que, negando as influências de seu colonizador português, mudou seus olhares para um país que vivia o seu auge nas artes e na cultura: a França.

Com a criação da imprensa brasileira, em 1808, por conta da vinda da Família Real portuguesa, os impressos brasileiros, como já dito anteriormente, respeitavam os moldes franceses de escrita e publicação, sendo assim, o início de uma troca entre as culturas brasileira, que estava se formando, e a francesa, já consolidada. Isso ocorreu por conta da presença de escritores e livreiros franceses que residiam no Brasil, já exemplificando a emissão francesa no país e

trazendo o conceito de transferência cultural, que se concretizou mais tarde, após o fim da censura prévia, em 1821 (GIMENEZ, 2014, p. 34).

Segundo Priscila Gimenez (2014), a recepção francesa começa de forma sólida, antes da onda de imigração que ocorreu no Brasil e de sua própria independência, com dois episódios: a criação da Academia De Belas Artes, entre 1808 e 1821, e a Missão Artística Francesa, em 1816. Ambos os acontecimentos tiveram o propósito de estabelecer uma visão europeia do Brasil, já que a Europa era um exemplo da boa cultura.

Com o fim da censura prévia, em 1821, houve, na nova nação, um sentimento de maior liberdade nas publicações dos periódicos e, juntamente com a independência em 1822, a instalação de imigrantes europeus no Rio de Janeiro.

É importante entendermos que tal mudança de olhares ocorreu em toda a América Latina, que se tornava independente dos seus colonizadores no mesmo momento. A emancipação, junto ao sentimento de negação do seu país colonizador, fez com que as nações emergentes buscassem novos exemplos a serem seguidos, tanto de cultura como de política e imprensa.

O jornal, como um instrumento midiático de autoafirmação de uma identidade própria de cada uma dessas jovens nações em relação aos seus ex-colonizadores, concretiza, dessa maneira, a ideia de coletividade e de uma identificação nacional, ao mesmo tempo em que oferece um panorama da nova era mundial pela forma e pelo conteúdo dos jornais diários, compartilhados no seio das comunidades, pela atualidade política, econômica e cultural – nacional e internacional, veiculada pelas imprensas inglesa e francesa (GIMENEZ, 2014, p. 42).

Sabendo-se que o momento de construção de uma identidade era contemporâneo ao momento da literatura imprensa, o folhetim foi bem recebido em solo brasileiro, pois a cidade que lhe deu luz foi Paris, a qual “se estabelece como uma capital literária do mundo ocidental [...] é, para os escritores da América Latina, o espaço mais evidente e acessível” (GIMENEZ, 2014, p. 40).

O lugar que o folhetim ocupava no jornal foi muito bem explicado por Antonio Candido, sendo por ele nomeado “rés-do-chão”, ou seja, um espaço no rodapé para uma publicação seriada que se abrigava em um suporte breve, o jornal, trazendo apenas entretenimento para o leitor, sem a obrigação de informar. A maior característica do romance folhetinesco era sua publicação seriada, deixando sempre um suspense para a próxima edição, além do seu discurso cotidiano, o qual gerava uma espécie de catarse⁵ no leitor, uma identificação do que era de mais obscuro da sociedade, daquilo que ninguém poderia dizer e, ao invés de transformar-se em notícia, transformou-se em literatura.

Meyer (1994) nos traz esse sentimento de reconhecimento do leitor no folhetim, uma vez que a sociedade brasileira, construindo uma nova nação, tinha muito o que esconder:

Desse universo ficcional que, por anos a fio, alimentou o imaginário dos brasileiros, pode-se perguntar se entre os possíveis motivos do deleite dos leitores/ouvintes não estaria também esse lado sombrio das narrativas? Fascinadoras e fascinantes pelo próprio excesso, pelo "mau gosto", que remetia ao obscuro, ao turvo, embutidos no recôndito dos seres e das situações (MEYER, 1994, p. 125).

Por meio de tais estudos, podemos entender de que maneira a mulher fez-se a maior leitora dos folhetins, cabendo a ela essa brecha no que era, até então, um espaço masculino. O canto, o “rés”, o rodapé literário que continha os escândalos de uma sociedade em construção foi o lugar destinado a elas, tornando-se sua porta de entrada no espaço jornalístico, trazendo depois, como vimos, suas lutas e anseios: “Elas pouco leem os jornais diários, cujo conteúdo político se destina mais aos homens. Mas apoderam-se das colunas dos folhetins” (PERROT, 2007, p. 33).

Como dito anteriormente, o modelo jornalístico do Brasil se deu pela presença de franceses em solo brasileiro quando a mídia da nova nação se edificou. Esses franceses, conhecidos pelo termo *passseurs*, segundo Luís Fernando Tosta Borbato, em seu artigo “As

⁵ Processo que ocorre quando o leitor entra em contato com a linguagem poética e captando tais emoções, libera-se das suas, sendo assim, uma “purificação” do ser humano.

novas ideias que vinham de Paris: a imprensa francesa no Brasil Oitocentista e a *Revue des Deux Mondes*" (2014), tinham como objetivo criar atalhos entre os dois mundos, como comunicadores, os quais promovem novas configurações culturais no país que estão residindo.

Violante, nossa redatora, com seu acesso à cultura francesa da época, o que ocorreu por meio desses mediadores culturais instalados no Rio de Janeiro, e seu saber da língua, exemplifica aquilo que Barbosa (2018) nos traz: o fato de que era exigido da mulher um "ir além" da função de redatora, exigindo dela uma rede de sociabilidade e a capacidade em conciliar a redação com os outros papéis que desempenhava na sua vida, para, assim, sustentar suas relações com o universo letrado.

Durante seus anos como redatora chefe no *O Jornal das Senhoras*, Violante provou que seu contato com os agentes culturais eram expressivos e geraram contribuições significativas na perpetuação do jornal.

Neste sentido, o trabalho de Violante [...] não ficou restrito apenas à redação chefe em *O Jornal das Senhoras*. Sua relação com o universo letrado foi uma das características que lhe permitiu atuar como redatora chefe e dar continuidade aos objetivos propostos por sua antecessora (BARBOSA, 2018, p. 125).

Em *O Domingo*, o fenômeno de difusão da literatura francesa foi feito pela proprietária ao selecionar o folhetim francês de Stéphen de la Madeleine, *Francesca*, e publicá-lo como o primeiro texto literário de seu novo periódico. Sendo assim, Violante mostrou apreço pela literatura na língua de Rousseau e de Voltaire.

Isso nos mostra a premissa de que a "imprensa brasileira, no século XIX, era francesa, pelo menos em sua inspiração e considerando os executores" (BORBATO, 2014, p. 182). Dessa maneira, podemos tratar Violante, por meio de suas traduções e escritos sobre a imprensa francesa, difundida no Rio, como uma grande executora e passadora cultural (*porteur*). Isto é, enquanto tradutora, redatora e proprietária, ela ajudava a penetrar ideias

vindas de Paris por meio de uma imprensa sistematizada, que estava emergindo no Brasil da época (BORBATO, 2014, p 180).

Stéphen de la Madeleine (1801-1868), pseudônimo de Étienne-Jean-Baptiste-Nicolas Madeleine, cantor, professor de canto e literatura, era uma figura conhecida nos jornais franceses. Redator-chefe do jornal *L'univers Musical* (1859-1862), escritor de livros musicais teóricos como *Physiologie du chant* (1840), *Théories complètes du chant* (1852), *Un Ménage d'étudiant* (1852), entre outros tipos, como *Le Curé de Campagne* (1843), *Secret d'une renommée. La tache originelle* (1859), *L'ange gardien* (1838), *Chant. Etudes pratiques de style; leçon sur un air du "Freyschutz"* (1861), também contribuiu, por muitos anos, em partituras musicais como intérprete.

Diante disso, Violante, apreciadora da literatura francesa e também conhecedora de sua cultura, publicou, em sua primeira edição, o texto *Francesca*, de autoria de Madeleine em seu livro *Les Voisins de campagne, nouvelles par M. Stéphen de La Madeleine. Tome 2* (1840). O livro consistia em uma coletânea de diversas pequenas novelas que o autor escreveu com cunho literário, e a escolhida por Violante para publicação em *O Domingo* estava entre as páginas 213 e 256 da publicação do autor, sendo transformada em folhetim pela redatora.

Analisaremos, nos próximos parágrafos, o enredo dessa história, mostrando como a escolha da redatora conversa com as outras colunas do seu jornal e sua proposta para a mulher da época.

4. A apreciação do folhetim francês

Após o primeiro contato com o leitor, Violante introduziu a coluna "Literatura", desde a primeira edição até a quinta, em 1873, em formato de folhetim. A novela de dois capítulos, que ocupava, em sua maior parte, duas colunas de cada edição, escrita pelo autor Stéphen de Madeleine e traduzida pela própria redatora demonstra, de forma primordial, as transferências culturais que *O Domingo* realizou, trazendo uma literatura francesa, traduzida e difundida para o seu público alvo: as mulheres.

Em vista disso, a narrativa consiste em, além de uma presença francesa, uma quebra de padrões do que se esperava e se pensava da mulher artista na época. Passando-se em Roma, o folhetim começa com a história de uma moça que, com uma mãe enferma, precisa de remédios, mas não tem dinheiro para custeá-los e, portanto, encontra na arte, mais precisamente no canto, uma maneira de obter o necessário para a cura de sua tão amada mãe, mesmo esse ofício sendo contra a moral aprendida por ela. Guiada por suas intenções, Izabel, a personagem principal, que nos é apresentada por meio de uma conversa com uma amiga, Catharina, deixa de lado a moral e os bons costumes nos quais ela acredita para conseguir pagar os medicamentos ao boticário⁶ e, conseqüentemente, salvar sua mãe. Ela consegue tal proeza quando, vendo um grupo de músicos errantes, oferece sua boa voz em troca do que era arrecadado por eles nas noites em que cantavam.

A voz de Izabel surpreendeu e ela conseguiu a quantia necessária para sustentar os remédios de sua mãe; todavia, seu amor pela arte cresceu e foi retratado de uma maneira muito sutil na história, como se os seus bons costumes não pudessem ser maiores que sua paixão pela música. A maneira com a qual o autor fez tal indagação, contrariando as condutas da época, foi de maneira amena, introduzindo, também, na leitora, uma mudança de pensamento sobre a mulher artista.

Izabel, orgulhosa do poder que seu talento exercia sobre as massas do povo, já não se conhecia, parecia-lhe que outra natureza acabava de se criar nela, que uma organização superior à de uma simples mortal desenvolvia-se-lhe com proporção que partilhavam do céu e da terra. Ela não se enganava: era o gênio da expressão que despertava na sua alma, e que achando em um órgão poderoso e sonoro meios de execução dignos de sua energia, enviava-os seus primeiros assentos num círculo obscuro, esperando que lhe abrisse carreira mais ilustre (MADELEINE, 30 nov. 1873, p. 2; 4 col).

⁶Farmacêutico. Proprietário ou administrador de botica ('loja', 'farmácia').

Diante dessas palavras, espera-se que a leitora apoie a boa moça em sua decisão de se tornar artista, sendo esta despertada pelo coração. Conforme os dias passam, ocorre a aparição de vários cavalheiros na casa da protagonista, os quais a desejavam, por conta de sua magnífica voz; todavia, a maioria deles desistia de esperar pela aparição da moça. Apenas um cavalheiro mais velho permanece e, quando a dama espera desposá-lo, recebe, já no início do segundo capítulo da narrativa, uma proposta de cantar no teatro, sendo *prima dona*.⁷

No momento em que Izabel, ao esperar o amor, recebe uma proposta de trabalho, sua resposta ao diretor do teatro não é imediata, mas aceita depois de algumas entrevistas. A mãe da moça, recebendo os cuidados medicinais pagos por meio da arte, já mostrava o desejo de voltar a sua vida e, principalmente, ir ao teatro, mas a cantora fazia de tudo para que ela não continuasse com esses desejos, levando em conta o início de sua carreira lírica e o desgosto que isto traria a sua amada mãe. Chegado, enfim, o dia de sua estreia na ópera, e muito bem recebida pela plateia que se encontrava no lugar, a mãe de Izabel não contenta sua vontade e, dirigindo-se ao teatro, vê sua filha como prima-dona, com sua reação sendo percebida de forma delirante pelos espectadores. O folhetim se encerra apresentando o pai de Izabel, que era um mestre, pai da música dramática, mas nunca reconhecido até a fama de sua filha, que deu nome à família por meio de sua renomada voz.

Observamos que esse folhetim dialoga com a proposta e ideias de Violante: a de que a mulher não foi criada apenas para servir ao homem, mas, além disso, para pensar, escrever, cantar e produzir arte, levando virtudes e costumes para aquilo que deve ser primordial em sua vida, como a família e a maternidade. Além disso, ele demonstra as crenças do autor enquanto estudioso da música, o qual trata, com respeito e defesa, os desejos da mulher que quer se tornar artista.

Quando Izabel utiliza-se da arte para cuidar da enfermidade de sua mãe, a novela nos traz a ideia de que a mulher pode, com seus dons artísticos sendo desenvolvidos, contribuir para a vida

⁷ Principal cantora de uma ópera.

O OLHAR LITERÁRIO DE VIOLANTE ATABALIPA PARA O FOLHETIM FRANCÊS DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE D' *O DOMINGO: JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO* (1873)

familiar, mas, também, descobrir um sentido na vida além do casamento. Durante todo o periódico, Violante nos traz a sua opinião sobre isso, criando um círculo entre aquelas que a redatora acreditava terem um potencial para a arte, que seria, segundo Vellasco, uma maneira de completar a alma.

À vista de tudo que foi apresentado nestas linhas, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco se mostra como uma redatora notável no processo de construção de um pensamento feminino no jornal, utilizando-se da literatura francesa para a perpetuação de suas ideias, muito bem recebidas em uma nação em construção.

A mulher e seu anseio por emancipação e educação da época nos descortinam palavras que, até o século XIX, não tinham encontrado seu lugar, mas que, com a presença da literatura de folhetim e um espaço aberto para publicações, pôde trazê-las ao Brasil, pautando-se na relevância da cultura francesa do momento em questão.

O folhetim "*Francesca*" nos trouxe reflexões importantes e dialogou com as principais reflexões da proprietária, a qual dá continuidade ao seu trabalho em *O Domingo* por mais dois anos, 1874 e 1875, utilizando sua rede de sociabilidade e sua atuação como escritora para uma formação que dura até os dias atuais.

BONFIM, M. F. M. O olhar literário de Violante Atabalipa para o folhetim francês do século XIX: uma análise d' *O Domingo: jornal litterario e recreativo* (1873). *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 19, n. 1, p. 410-428, 2020.

**THE LITERARY GAZE OF VIOLANTE ATABALIPA
TOWARDS THE NINETEENTH-CENTURY FRENCH
NOVEL: AN ANALYSIS OF *O DOMINGO: JORNAL
LITTERARIO E RECREATIVO* (1873)**

ABSTRACT: This work aims to study the French presence in the newspaper *O Domingo - Jornal Litterario e Recreativo* through the analysis of text published in its first year, 1873, in the column "Literature". Said text is the French novel, authored by Stéphen de la Madeleine, "Francesca", translated and transformed into a novel by the writer, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

KEYWORDS: Literature; French; Female; Cultural Transfers.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, E. V. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro Oitocentista*. 1.ed. – São Paulo: Alameda, 2018.
- BORBATO, L. F. T. As novas ideias que vinham de Paris: a imprensa francesa no Brasil Oitocentista e a Revue des Deux Mondes. In: *MÉTIS: história & cultura* – v. 13, n. 25, jan/jun. 2014.
- BORDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. - 9ªed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.
- DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. In: *Estudos avançados* 17, v. 49, 2003. pp. 151-172.
- _____. *Imprensa feminina e feminista no Brasil Século XIX*. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FAEDRICH, A. Narcisa Amália, poeta esquecida do século XIX. In: *Soletas Revista - dossiê - n.34 - 2017.2*. pp. 237 - 253.
- GIMENEZ, P. R. *Folhetins teatrais e transferências culturais franco-brasileiras no século XIX: questões de uma edição da Semana Lírica de Martins Pena*. – Tese de Doutorado. UNESP: São José do Rio Preto; Université Paul Valéry: Montpellier, 2014.
- _____. *Literatura e invenção do rodapé no jornal: A escrita midiática dos folhetins teatrais do século XIX*. In: *Terra Roxa e outras Terras revista de estudos literários* - v. 28, dez. 2014. pp. 88 - 101.
- GONÇALVES, M, C. O Jornalismo literário no século XIX: A imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013.
- JINZENJI, M. Y. Leitura e escrita femininas no século XIX. In: *cadernos pagu* - v. 38, janeiro-junho de 2012. pp. 367-394.
- MADELEINE, S. D. L. *Les Voisins de campagne, nouvelles par M. Stéphen de La Madelaine*. Paris, Chez Boulé et C°, Éditeurs, rue COQ-HÉRON, 3. 1840. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5781056k?rk=21459;2>>. Acesso em 24 de abril de 2020.
- MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. *História da Imprensa no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MEYER, M. Um fenômeno poliédrico: o romance-folhetim francês do século XIX. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 2, n. 2, 1994.
- O DOMINGO – Jornal Litterario e Recreativo*. Rio de Janeiro, [1873-1875]. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> >. Acesso em 13 de maio de 2019.

O OLHAR LITERÁRIO DE VIOLANTE ATABALIPA PARA O FOLHETIM FRANCÊS DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE D' O DOMINGO: JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO (1873)

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. 1.ed. Bauru: EDUSC, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. 1.ed. Bauru: Contexto, 2007.

PRIORE, M. D; BASSANEZI, C. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.